

ALBERTO SOUTO



A "Pelagia Insula" de Festus Avienus



SEPARATA
DA
"HOMENAGEM
A
MARTINS SARMENTO"

bibliotheca



GUIMARÃES ■ PORTUGAL

1933



18.03.94 039127

ENTRADA DE OBRAS

A "Pelagia Insula" de Festus Avienus



FUNDO
LOCAL

O poema *Ora Maritima*, de Rufo Festo Avieno, sobre o qual existe já uma vastíssima bibliografia, mereceu ao nosso saúdoso e grande Martins Sarmiento, um estudo notavelmente erudito na parte relativa às costas ocidentais da Europa, que foi publicado em 1880 e teve segunda edição no ano de 1896.

Em 1922 o Sr. Dr. Aristides de Amorim Girão publicava a sua *Bacia do Vouga*, primorosa dissertação de concurso ao lugar de professor da Faculdade de Letras de Coimbra, e em 1924 o Sr. Dr. Mendes Corrêa, nome tão ilustre na Antropologia, na Etnologia e na Prè-história portuguesas que dispensa mais elogiosas referências, dava à publicidade *Os Povos primitivos da Lusitânia*, valiosíssimo volume que só mais tarde me foi dado conhecer.

Ambos os ilustres Professores se ocuparam do poema de Avieno.

O Sr. Dr. Amorim Girão, absorto com a parte puramente geográfica, procurou localizar na foz do Vouga a *Pelagia Insula*, a que se referem os versos 164-171 do *Ora Maritima*, concordando assim plenamente com a opinião expendida por Sarmiento; o Sr. Dr. Mendes Corrêa, tentando desvendar alguns dos enigmas etnológicos do poema, adoptou, sob grandes reservas, de uma maneira geral e provisoriamente, as interpretações de Schulten na parte topográfica da discutida obra de Avieno.

O trabalho crítico de Schulten, de que eu tive conhecimento pelo livro do Sr. Dr. Mendes Corrêa, foi divulgado em Espanha nas *Fontes Hispaniae Antiquae*, da Universidade de Barcelona, fascículo I, saído em 1922 da Livraria Universal daquela cidade, onde ao comentário original traduzido em espanhol se acrescenta a versão do *Ora Maritima* por D. José Riús y Serra.

A minha tentativa geológica, geográfica e arqueológica sobre as *Origens da Ria de Aveiro*, anterior a 1921 e publicada em 1923, após um prolongado e forçado repouso meu, consagrando um dos seus capítulos ao problema da *Pelagia Insula*, não podia referir-se ao comentário de Adolfo Schulten, nem ao livro do Sr. Dr. Mendes Corrêa, livro que ao tempo eu não conhecia, mas apenas ao trabalho de Martins Sarmiento e às opiniões do Sr. Dr. Amorim Girão.



039127

Nessa publicação de 1923, perguntava eu:

¿ Há no poema Ora Maritima alguma indicação que nos permita verificar a existência do cordão litoral das ilhas da laguna, do delta do Vouga, ou do estuário profundo em que o rio desaguou antes do preenchimento do golfo?

E continuava:

Tentemos com Martins Sarmento penetrar no labirinto e encontrar um fio que nos oriente e leve a desvendar os seus mistérios.

Encontra-se em Avieno uma curiosa e misteriosa passagem que parece sugerir-nos a paisagem característica e anfíbia dos baixos do Vouga:

...post Pelagia est insula,

Herbarum abundans, atque Saturno sacra.

E essa ilha consagrada a Saturno e abundante em ervagens é assim descrita:

Sed vis in illa tanta naturalis est

Ut si quis hanc innavigando accesserit

Mox excitetur propter insulam mare,

Quatiatur ipsa et omne subsiliat solum

Alte intremiscens, cetero ad stagni vicem

Pelago silente...

Insula, nota Sarmento, tanto pode significar ilha, como península. Do facto de se lhe atribuir exclusivamente o significado *ilha*, muitos erros têm advindo na interpretação de antigos textos. Mas evidentemente, nas nossas costas, diz o ilustre investigador vimaranense, não há ilha ou península a que possa referir-se esta pintura.

E Pinho Leal, consultado a êste respeito, sentenciou que nada de positivo se podia concluir por causa das alterações sofridas pela região.

No entanto *Pelagia Insula*, insistia Martins Sarmento, deveria ficar entre os cabos da *Roca* e *Avarum*, mas mais determinadamente entre o Mondego e o Vouga.

E o sábio comentador de Avieno, concluiu que tal ilha ou está encravada no continente ou teria sido tragada pelo mar, porque deveria ter existido naquelas paragens e em nenhuma das outras poderia ter existido.

O Sr. Dr. Amorim Girão julgou que a *Pelagia Insula* era uma ilha formada por uma vegetação marinha muito densa, mas ao mesmo tempo de equilíbrio muito instável, devendo assim tratar-se de alguma acumulação de plantas marinhas a que o adicionamento de matérias térreas, trazidas quer pelo mar, quer pelo rio, deu consistência e feição insular, devendo, em sua opinião, essa ilha ter existido no grande estuário do Vouga, antes da formação da ria.

Martins Sarmento comentando os versos descritivos da *Pelagia Insula* dissera o seguinte:

Como deve inferir-se desta pintura, era uma ilha formada por uma vegetação marinha tão densa e consistente na sua superfície descoberta, como deslaçada e por isso elástica na sua base imergida, de sorte que bastava a compressão das águas produzida pelo andamento de um navio que dela se aproximasse, para lhe imprimir uma oscilação muito sensível, oscilação que punha em movimento o mar

circunjacente, mas apenas numa zona determinada pela força das suas vibrações, pois que além daquela zona o mar dir-se-ia um lago.

E desalentado, nada conhecendo de semelhante nas praias portuguesas, concluiu que *no nosso litoral, apesar da sua convicção de se tratar da costa de Aveiro, não há hoje certamente coisa alguma que com isto se pareça.*

¿Não haverá, de facto já hoje, coisa alguma que com isso se pareça?

É o que vamos tratar de averiguar, numa desapaixorada e serêna observação.

*

Meramente episódica a interpretação dos versos 164 a 171 do poema de Avieno, não é, contudo, um simples incidente anedótico de coleccionador de curiosidades, como à primeira vista pode supor-se.

No estudo das alterações litorais das costas peninsulares do Atlântico, a Ria de Aveiro representa um dos maiores problemas, tendo J. Dantin Cereceda afirmado ser a singular laguna o mais notável acidente da fronteira marítima da velha Península.

E a *ilha de Saturno*, não apenas mencionada, mas tão minuciosamente descrita pelo autor do *Ora Maritima*, pode constituir como que a pedra de toque da veracidade do poema e pode bem servir para por ela se aquilatar do crédito e valor das suas indicações topográficas e, conseqüentemente, dos seus dados etnográficos. Tratando-se, porém, de uma obra poética que parece reproduzir as informações de um périplo do século VI antes de Cristo, é lícito perguntar que valor geográfico, arqueológico, etnográfico, que valor científico, enfim, se lhe poderá ligar.

Na controvérsia que sobre isto se levantou, o *Ora Maritima*, diz Martins Sarmento, foi considerado por alguns como um acervo de enigmas burlescos, por outros como um repositório de notícias antiqüíssimas que debalde se procurarão noutra parte. Para E. Desjardins o poema de Avieno nada vale; para Luchaire e outros escritores, êle não passa de uma série de *amusements archéologiques*.

No entanto ligaram-lhe importância e mérito histórico e geográfico, Jubainville, F. de Saulcey e Karl Müllenhoff, e modernamente, entre outros, Schulten, Amorim Girão e Mendes Corrêa.

No caso de o texto de Avieno se basear na descrição de um navegador que tivesse reproduzido com fidelidade o que viu, *Ora Maritima* seria o *mais antigo documento etno-geográfico do Ocidente, um documento de valor infinito, pois que as suas notícias nos proviriam de uma testemunha ocular.* (Sarmiento).

O Sr. Dr. Mendes Corrêa, considera-o indiscutivelmente um documento precioso para o estudo da geografia e da etnologia antigas da Península.

Que assim seja, como pensavam os optimistas, é preciso manter-se em sua frente uma grande e cautelosa reserva, porque, como o ilustre e saúdoso arqueólogo vimaranense ajuíza, *o poema de Avienus é duma obscuridade proverbial.*

Porém, a tendência é para se lhe atribuir real importância, procurando-se, através das suas obscuridades, verificar as indicações que nos fornece, com os dados da Pré-história, da Antropologia e da Etnologia, e pelas luzes da Arqueo-

geografia ou mesmo da Paleogeografia, identificar os acidentes que ele menciona nas nossas costas marítimas.

O Sr. Dr. Mendes Corrêa consagrou-lhe nada menos de 14 páginas do seu erudito e valioso volume *Os Povos primitivos da Lusitânia*, e nessas 14 páginas de profunda análise e de criteriosa e serêna crítica, dissertou largamente sobre o comentário de Schulten.

Para o ilustre iberólogo alemão, o *Ora Maritima* teve por fonte, não um périplo fenício ou cartaginês, como se pensou até Sarmiento, mas sim um périplo que pelo século vi antes de Cristo um autor massaliota compôs sobre a viagem marítima de Tartesso a Marselha, adicionado com a descrição das costas do Oceano, desde Oestrímnida a Tartesso, descrição essa obtida dos Tartéssios que faziam freqüentemente tal navegação e com o descritivo, ainda, das ilhas da Irlanda e Grã-Bretanha e do litoral da Frísia que os Tartéssios conheciam por tradição oral dos Oestrímnidos.

Segundo Schulten, Rufo Festo Avieno, nascido em Volsínia, da *gens Mussonia*, obteve duas vezes o proconsulado, talvez na Ásia e na Bética, e tendo sido um defensor da antiga religião e das velhas tradições dos romanos, adoptou um estilo arcaico e cultivou as antiguidades.

O poema foi dedicado ao seu amigo Probo, que lhe pedira uma descrição do Ponto Euxino, e na dedicatória o mesmo Avieno confessa que bebeu o assunto dos seus versos em fontes antiqüíssimas e reconditas: *vetustis paginis, secretiore lectione, veterum abdita, secreta rerum*, etc.

O poema tão lúcida e afincadamente comentado por Martins Sarmiento, não perdeu pois interesse nem merecimentos, tendo sido, depois de 1896, objecto de profundas e meticulosas dissertações, entre as quais se destaca, sem dúvida, a de Adolfo Schulten.

De facto, o professor de Erlangen consagrou-lhe nada menos de três anos de estudo e sobre os comentários anteriores dispôs ainda valiosos elementos, como os mapas alemães das costas ocidentais da Europa, editados na escala de 1:750.000 pelo Reichsmarineamt, bem como as costas espanholas de 1:100.000, percorrendo ele mesmo em 1919-1920 toda a costa desde os Pirineus ao Guadiana.

Schulten cita o estudo de Franck, datado de 1913, e o de Petermans, notando êste, especialmente, as alterações sofridas pelo litoral, o que nos leva a concordar com a orientação que acentua a necessidade de se estudar o poema à face da geologia peninsular.

Adolfo Schulten, referindo-se ao aparelho crítico de Sarmiento, reconhece ser o nosso ilustre compatriota um *investigador sumamente meritório das antiguidades lusitanas*, mas logo a seguir o diminue afirmando que o escritor português, nem na questão das fontes, nem na interpretação dos detalhes, soube compreender os problemas, ao que o Sr. Dr. Mendes Corrêa retorquiu, e muito bem, dizendo parecer-lhe dura e injusta a crítica de Schulten ao erudito investigador português, dado o carácter conjectural e mesmo porventura audacioso de alguns pontos de vista do catedrático alemão.

E o já hoje glorioso Professor portuense apesar de considerar a interpretação de Schulten em grande parte aceitável, e digno de louvor o exaustivo e

erudito esforço que ela representa, adverte que não há nas suas opiniões sobre o *Ora Marítima* uma solidez inatacável.

*

De facto, em meu humilde entender, não é nada sólida a opinião do nomeado iberólogo sobre os versos 164-171 do poema de Avieno; e, bem pelo contrário, julgo, depois de ler o seu comentário, que é muito mais judiciosa e luminosa a interpretação de Martins Sarmiento e a localização que êle assinalou à misteriosa ilha consagrada a Saturno, que o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos julgou ser na foz do Minho.

Sem exagerado optimismo, escrevia eu em 1923, o poema de Festus Avienus, adquiriu a meu ver, nesta passagem, um alto valor árqueo-geográfico, tendo Martins Sarmiento, ao revelá-lo, prestado um grande serviço que só enriquece a sua coroa de glória.

Subscribo hoje, novamente, e mais afoito e satisfeito, estas palavras de há dez anos, e tanto mais afoito e satisfeito, quanto é certo que a topografia de Schulten se me afigura, neste ponto restrito, mas de um alto valor exemplificativo, inteiramente errada, ao passo que a de Sarmiento surge adequada e certa ainda com a geografia e os fenómenos actuais.

Schulten certifica-nos que o périplo designa por *stagnum, palus, lacus*, aquilo a que nós chamamos lagunas, não só as que antigamente foram golfos e que estão separadas do mar por uma estreita língua de terra (lido, em italiano) ou já totalmente cerradas (laguna morta, na mesma língua), ou a trechos curtos de água unidos ainda com o mar (laguna viva).

Tais são: o *stagnum* da ilha de Menaca do verso 430, *immensa palus* do verso 455, *palus stagnumve* do verso 492, o *stagnum Toni* do verso 544, o *stagnum palusve sordice*, etc.

Já a laguna de Narbona se não chama *stagnum*, mas *sinus*.

Também chama *stagnum* e *palus* aos lagos que às vezes formam os rios pouco antes da sua embocadura, como no rio Ibero (*Palus Erebea*), no Tarteso (*Palus ou Lacus Ligustinus*) e no Ródano (*Palus ou Stagnum Accion*), confessa Schulten.

Ora o sábio germânico que coloca a *Pelagia Insula* na Berlenga, esqueceu-se de notar que na descrição dessa ilha, que à primeira vista parece fantástica e inverosímil, Avieno empregou o termo *stagni*.

E esqueceu-se, como outros comentadores, entre êles o próprio Sarmiento, que o vocábulo latino *pelago* se não traduz apenas por *mar alto* ou *mar profundo*, mas que no latim arcaico tem uma acepção muito diversa, significando, como diz Brou, *a água transbordante de um rio*.

Se Martins Sarmiento, que tão acertadamente localizou a *Pelagia Insula* na ria de Aveiro ou foz do Vouga, tivesse tido a curiosidade de tomar em vários dicionários ou em vários textos, as diversas acepções de *Pelagus*, teria resolvido triunfantemente os embaraços em que se viu para demonstrar a sua interessante tese.

E se Schulten, que criticou Sarmiento e escreveu trinta anos depois do nosso investigador, tivesse tido igual cuidado, não cairia no êrro de levar para

a Berlenga a ilha de Saturno, só porque o mar das Berlengas é agitado e nessas ilhas existe muita erva de que se alimentam os coelhos!

Pelagus, derivado do grego, significava pois, na antiguidade latina como dizem vários dicionários, não mar alto e profundo, mas uma bacia deltaica ou lagunar, um mar interior, a água espalhada de um rio, um esteiro. Daí veio para o português, por contracção, o *pêgo* que significa um ponto fundo no curso de um rio ou ribeiro, isto é, em águas interiores, e não a profundidade do mar ou o abismo do oceano.

Se Avieno e o autor do périplo designaram por *stagnum*, como Schulten confessa e verifica, uma laguna, um antigo gôlfo, um *lido* ou uma *haff*, — é como é que aliaria ao *pelago* silente a expressão *cetera ad stagni vicem*?

Seria um absurdo. Mas a verdade é que não há aqui absurdo algum. O que temos é de traduzir de forma diversa o texto de Avieno, e fazendo-o, logo a realidade se ajustará admiravelmente à opinião clarividente de Martins Sarmiento.

D. José Rius y Serra fez a seguinte versão dos versos 164-171 do *Ora Maritima*:

Después hay una isla marina abundante en hierbas y consagrada a Saturno; pero en ella es tanta la fuerza de la naturaleza que si alguien se acerca navegando, en seguida se excita el mar cercano a la isla, ella misma se conmueve y todo el mar se levanta extremamente a lo alto, mientras el resto del piélago está silencioso, qual un estanque.

Ora traduzamos nós agora, modificando o significado dos vocábulos *insula*, *pelagica*, e *pelago* e poderemos dizer:

«Depois há uma península ou uma ilha no meio de um estuário, abundante em ervagens e consagrada a Saturno; porém nela é tanta a força da vegetação que se algum barco se avizinha navegando, logo a água próxima se agita e a própria ilha estremece e ondeia, enquanto o resto do esteiro se conserva sereno como um lago».

Pois ao contrário do que descoroçadamente julgava Sarmiento, ainda hoje existe no nosso litoral alguma coisa a que se adapta perfeitamente a descrição de Rufo Festo Avieno, ou do autor grego ou massaliota do périplo por êle aproveitado.

As dificuldades que Martins Sarmiento experimentou para contraprovar o singular fenómeno dessa ilha ondeante, provinham apenas do imperfeito conhecimento da vastíssima Ria de Aveiro onde êle localizara a ilha de Saturno com uma convicção e intuição admiráveis, e da tradução dada às palavras *stagni* e *pelago* dos versos latinos.

Evidentemente tratava-se de algum canal relativamente estreito onde a passagem do barco provocava a ondulação tão característica dos esteiros, ondulação que vai acompanhando sempre quem nêles navega, formando uma marêta que rebenta na margem ou se estende pelas ilhas cobertas de canizia, junco, erva e bajunça, e faz ondear essa vegetação, enquanto que na bacia ou no esteiro mais ao largo a água se conserva tranqüila sem experimentar a mais leve ruga.

É lá possível dar-se êste fenómeno, aliás tão freqüente nos canais e ilhas da Ria de Aveiro, numa ilha em pleno mar?

Numa costa aberta, batida e desabrigada como a nossa, onde a vaga é contínua e a onda raríssimas vezes deixa de rebentar contra a praia rochosa ou esparcelada?

Não. Trata-se de uma laguna, de uma ria ou de um delta, de um sistema de canais, de esteiros, de estuários, onde havia bacias sossegadas e ilhas de verdura, de impossível existência numa costa desabrigada como a de Portugal e num mar continuamente revólto como é o nosso.

Na Ria de Aveiro, nas proximidades da actual foz do rio doce, isto é, da foz verdadeira do Vouga, estendem-se grandes planícies inundadas na maré alta — *ilhas e praias* — onde se explora o *estrume*.

Este termo rústico e mal soante não significa aqui o adubo orgânico vulgarmente utilizado nas terras, nem mesmo o *molico*: é a *bajunça*, a *canizia* e o *junco* com outras plantas que se erguem a quasi um metro de altura e formam um prado enorme de vegetação alta, densa e cerrada.

Quando a maré alastra por esses campos verdejantes e um barco passa no esteiro erguendo a marêta, toda essa vegetação ondeia, se agita e move, como se uma verdadeira onda nela se produzisse e como se o seu próprio solo se deslaçasse, ondeando também, infirme e liquefeito. Ao largo, plácida, o espelho da ria reluz ao sol, continuando tranqüilo como um lago, plano como um cristal.

Nem este fenómeno se pode dar na Berlenga, granítica, pedregosa e alcanatilada, nem semelhantes ilhas, de verdura e ervagem pujante e densa, se formam na proximidade da costa aberta e brava, na praia do mar, carregada de salsugem esterilizante, mas apenas nos remansos da água já meia salôbra, ao abrigo da laguna ou nos braços do delta.

*

Longe de mim supor que foram as ilhas, penínsulas e praias da actual Ria de Aveiro as que o autor do périplo viu com admiração e espanto.

Longe de mim defender já hoje a tese de que 500 anos antes de Cristo a Ria de Aveiro era o aparelho litoral que presentemente conhecemos. Mas pelo conhecimento que tenho da costa portuguesa, conhecimento não directo apenas, mas geográfico e geológico, o que afirmo, com Martins Sarmiento, é que o fenómeno descrito por Avieno nos versos 164-171 do seu poema, só era possível no estuário do Vouga ou no local ocupado hoje pela Ria de Aveiro, onde o carácter da vegetação lagunar se mantém ainda tal qual o descreve o autor do *Ora Maritima* na sua *Pelagia Insula*.

.....

Exuberantemente demonstrou Sarmiento que a *Londobris* dos gregos estava errada em Ptolomeu e que não podia ser a Berlenga.

Este artigo não comporta já maior extensão, mas sempre direi que a insistência de Schulten identificando a *Pelagia Insula* com a *Londobris* e ambas com a Berlenga, é outro ponto fraco do seu comentário, débil de prova e falho de demonstração.

Sarmento mantém-se, a meu ver, vitorioso, identificando a *Londobris* com a *Pelagia Insula* e localizando-a no local onde hoje existe a Ria de Aveiro.

Não diminue isto a glória do grande arqueólogo descobridor dos acampamentos sitiadores de Numância, mas a glória de Martins Sarmento é que positivamente não sofreu desdouro algum com o comentário de Schulten aos versos citados do poema de Avieno. Bem pelo contrário, essa glória de sábio verdadeiro — e dos maiores do seu tempo! — ressalta e avulta no critério lógico e na superior intuição com que versou o mencionado episódio do poema de Avieno, intuição e critério claramente comprovados ainda hoje pelos fenómenos actuais que êle desconhecia e cuja notícia me apraz trazer a tão interessante debate.

bibRIA

"HOMENAGEM

A

MARTINS SARMENTO"

no 1.º Centenário do seu nascimento (1833-1933). Miscelânea de Estudos de Arqueologia, Etnografia, História, etc., em honra do Investigador Vimaranense, escritos em português, galego, espanhol, francês, inglês, alemão e latim. Obra comemorativa, subsidiada pelo Ministério da Instrução Pública e pela Junta de Educação Nacional, constando de um grosso volume de cerca de 500 páginas de texto, ilustrado com mais de 100 gravuras, algumas em folha desdobrável, colaborado por muitos dos grandes eruditos da actualidade.

Edição da «SOCIEDADE MARTINS SARMENTO» — Guimarães, Portugal. 1933.

PREÇO: 70 escudos (para o estrangeiro — 56 francos franceses).

PÓRTO
IMPRESA PORTUGUESA
RUA FORMOSA, 108

37

BIBLI
910
S